

# A Pós-Modernidade e o consumismo

Recebido em 13|02|2009 | Aprovado em 20|10|2009

## Sumário

**Introdução. A modernidade e a pós-modernidade. O consumismo. Conclusão. Referências Bibliográficas.**

*Pedro Renato Lúcio Marcelino*

Mestrando em Direito do Centro Universitário FIEO | UNIFIEO.

**Orientadora** | Margareth Leister

## Resumo

O presente estudo tem por escopo uma reflexão acerca da época em que vivemos, quando, num contexto em que imperam o imediatismo e as relações impessoais, surge o desencantamento e as incertezas que pairam sobre a humanidade hodierna. A modernidade, nesse mundo globalizado, trouxe consigo o consumismo, a partir do qual as pessoas, inconscientemente, se entregam às compras, pelo simples prazer de comprar, visando preencher o vazio existente na sociedade, na qual seus habitantes priorizam o ter em detrimento do ser.

## Palavras-chave

Modernidade. Consumismo. Sociedade.

## Abstract

*The present study has as scope a discussion about the times we are living live, when immediate and impersonal relationships prevail, and disenchantment and uncertainties hang over today's humanity. The modernity in this globalized world, brought with it the evil of consumerism, which makes people, unconsciously, purchase goods simply because it is pleasurable, in order to fill a gap in society, due to prioritizing having in detriment of being.*

## Key words

*Modernity. Consumerism. Society.*

## INTRODUÇÃO

O moderno e o pós-moderno se entrelaçam como momentos históricos da humanidade, sem, contudo, haver consenso entre os doutrinadores não apenas sobre a designação de “pós-moderno”, como também acerca do fim de um e o início do outro. Boaventura de Souza Santos<sup>1</sup> destaca que a designação, supostamente, inadequada de pós-moderno se tornou tão popular nessa transição, que o “termo é autêntico na sua inadequação”, ressaltando a característica de dissensão desse estágio histórico.

No magistério de Eduardo C. B. Bittar<sup>2</sup>, referindo-se ao marco do pós-modernismo, destaca que ele não se originou em data certa, do dia para a noite, mas veio se produzindo como consciência ao longo do século XX, “com cada fracasso, com cada engodo, com cada engano, com cada destruição, com cada abalo da modernidade”, constituída por um conjunto de fracassos e mentiras. A modernidade pregou o desenvolvimento, a qualquer preço, como chave segura para o bem-estar da humanidade. A era da produção e, por consequência do consumismo, como ideia de liberdade. O mercado é que deve ser a mola propulsora do progresso da civilização. Os princípios morais são substituídos pelas leis de mercado, as quais ditam as regras de como viver, o que consumir e se informar. Tudo gira em prol da satisfação pessoal e de interesses egoístas. Há uma cultura do supérfluo; não há solidariedade. Ninguém se preocupa com o outro. O sistema econômico, no qual o mercado dita as regras, longe de ser liberdade, es-

craviza. Não há visão social. Existe apenas o “eu” preocupado com o “ter”. É o consumismo ditando as regras de como viver e estar na sociedade. Erich Fromm<sup>3</sup>, entre o ter ou o ser, afirmar que

consumir é uma forma de ter e talvez a mais importante de todas na atual sociedade industrial da abundância. Consumir tem características ambíguas: liberta a ansiedade, dado que aquilo que se tem não nos pode ser retirado; mas ao mesmo tempo exige que se consuma cada vez mais, porque tudo o que se consumiu depressa perde o seu caráter satisfatório. Os modernos consumidores podem identificar-se pela seguinte fórmula: Eu sou igual ao que tenho e ao que consumo.

Esta fórmula, sem dúvida, é a que vigora na sociedade consumista atual em que se privilegia o ter em detrimento do ser, elegendo-se como direitos intransferíveis e inalienáveis do indivíduo a possibilidade de adquirir, possuir e obter lucro. Este poder consumista expressa sua identidade e seus valores neste contexto social, onde se é aquilo que se tem.

## A MODERNIDADE E A PÓS-MODERNIDADE

A modernidade retirou a figura de Deus do centro do universo e, em seu lugar, colocou a razão, com todos seus valores ditados pela vida terrena. O modernismo fez do homem frágil, que temia a Deus, um ser central dotado da própria divindade. O homem moderno promete um mundo ideal, organizado e racional, que são elementos necessários para se atingir a felicidade.

A sociedade moderna deveria estar sob o controle absoluto do Estado, os instintos e a vida cotidiana deveriam ser domados pelos mecanismos estatais de modo a controlar homens e mulheres para a boa ordem da civilização. Estradas planas e bem iluminadas

<sup>1</sup> SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002, p. 49.

<sup>2</sup> BITTAR, Eduardo C. B. **O direito na pós-modernidade**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 93.

<sup>3</sup> FROMM, Erich. **Ter ou ser**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987.

eram necessárias para que o capital pudesse desfilir livremente rumo ao progresso, este, o novo dogma da era moderna<sup>4</sup>.

A moral, a ética e a ciência têm uma ordem determinista e universal, o discurso que não se enquadrava no método lógico-formal não poderia ter lugar no palco científico. A era moderna foi marcada, sobretudo, pela crença na razão e no progresso, pela inversão do transcendental para o terreno. O ser humano caminha sem direção porque o absoluto não existe, cada um faz a sua verdade. O relativismo destrói conceitos tradicionais (família, casamento, honestidade, moral e demais virtudes que deveriam ser cultivadas pelo homem). O liberalismo, como fundamento do modernismo, é consequência do relativismo cultural e moral, em que não há paradigmas a serem seguidos. Cada um constrói aquilo que entende como certo, havendo uma liberdade total, vez que o tradicional oprime e denega a individualidade das pessoas.

Segundo Bauman<sup>5</sup>, tudo nesse mundo serve a algum propósito, mesmo que este não esteja claro. Esse mundo não tem espaço para o que não tiver uso ou propósito. Para ser reconhecido, deve servir à manutenção e perpetuação do todo ordenado.

Afirma ainda o autor de "Modernidade Líquida", que há cerca de cinquenta anos, as previsões populares sobre o futuro travavam-se pelo confronto da visão de Aldous Huxley, em "Admirável Mundo Novo" e a de George Orwell, no livro "1984". O primeiro escritor retratou, em 1931, um cenário do século VII d.F. (depois de Ford), habitado por uma sociedade completamente organizada e feliz, vivendo na opu-

lência, devassidão e saciedade. George Orwell, por sua vez, apresentou, em 1949, a ideia de uma sociedade futurista, tomada pela miséria e pela escassez, e dominada por um governo totalitário.

Completamente antagônicas, as duas visões estavam de acordo num ponto: no pressentimento de uma civilização estritamente controlada. A de Huxley, mediante doses regulares de felicidade quimicamente transmitida pelo "Soma" (a droga do futuro) e pelas ideologias propagadas em cursos noturnos, ministrados durante o sono; a de Orwell, pelo Grande Irmão (Big Brother). Isto porque, a exemplo de Platão e Aristóteles, incapazes de imaginar uma sociedade sem escravos, Huxley e Orwell não podiam concebê-la sem uma oligarquia de poder que estabelecesse parâmetros, rotinas e ordens a serem seguidas pelo resto da humanidade.

Este tipo de controle importa no estabelecimento de valores pela elite dominante, diz Bauman<sup>6</sup>. Isso explica o porquê dos administradores das empresas capitalistas haverem dominado o mundo por, pelo menos, duzentos anos, circunscrevendo a gama de alternativas dentro das quais confinaram as trajetórias da vida humana. Nesse contexto, ressalta-se a fase do fordismo, modelo norte-americano de práticas produtivas em massa, idealizadas em torno de 1914 por Henry Ford em sua indústria automobilística americana, que perdurou até meados dos anos setenta, e denominada por Bauman de sociedade "pesada" ou "sólida". Tratava-se de um mundo dos que ditavam as leis e dos que as obedeciam; dos projetistas de rotinas e dos supervisores; de pessoas dirigentes e dirigidas do modo por elas determina-

<sup>4</sup> Site: [www.eternoretorno.com.br](http://www.eternoretorno.com.br). Acessado em 20 de novembro de 2008.

<sup>5</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2001, p. 64-106

<sup>6</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2001.

do. O fordismo, partindo das teorias do engenheiro norte-americano Frederick Winslow Taylor, que pregava maior produção em menor tempo e cujas fases eram criteriosamente cronometradas, tinha como objetivo forçar o controle da administração sobre os trabalhadores e, como principais características, a verticalização da produção, da matéria-prima ao transporte; a produção em massa, mediante a adoção de sistemas tecnológicos voltados para o aumento da produtividade e a especialização dos trabalhadores para os diversos setores da produção. Nesse contexto, as atividades humanas reduziam-se a movimentos simples, repetitivos, rotineiros e predeterminados, a serem obediente e mecanicamente seguidos, por força de uma separação meticulosa entre projeto e execução. O empregado da Ford Motor Company, seguindo o que lhe era imposto, tinha como missão executar suas tarefas à risca, no menor tempo possível, como ditado pelo Taylorismo. Ford não se limitou a traçar essas diretrizes. Duplicou o salário nominal de seus operários, objetivando frear a alta rotatividade dos operários, economizando, assim, o dinheiro gasto na sua preparação e treinamento. Espelhando o que ocorria nos impenetráveis domínios da Ford, e corroborando a teoria de a elite dominante impor os seus valores, a sociedade do capitalismo pesado caracterizou-se pela organização e pela ordem, essa última traduzida por Bauman<sup>7</sup> com o sentido de monotonia, regularidade, repetição e previsibilidade. Em resumo, um mundo controlado, com fronteiras fechadas, fixando ao solo não apenas os trabalhadores, mas as pessoas e o capital.

O capital moderno somente permanece em determinado local enquanto isso for conveniente aos investidores. É o que Bauman<sup>8</sup> denomina de “mundo do capitalismo leve”, associado à ideia de liquidez e à possibilidade, como ocorre com os líquidos, de uma rápida acomodação das pessoas e das coisas aos mais diversos espaços. Uma sociedade imediatista, em que o tempo importa mais do que o espaço ocupado, mesmo porque esse espaço será preenchido apenas transitoriamente. É o efeito do individualismo, outra marca da modernidade fluida. Conciliar esse individualismo com os interesses coletivos é um desafio para o mundo contemporâneo e, também, uma tarefa das mais difíceis, pois as instituições e valores do passado, elos que entrelaçavam os projetos individuais aos coletivos, são referências estranhas à fase líquida da modernidade, em que, cada um por si tenta capacitar-se para as incertezas do futuro. Nesses tempos quando impera o domínio da mídia, as possibilidades parecem infinitas, mas acarretam a angustiada sensação de insegurança e de incerteza do inacabado. Como já explanado vivemos numa época de incertezas, fragmentações, desconstruções, de busca de valores, do vazio, do niilismo, do imediatismo, do hedonismo, da substituição da ética pela estética, do narcisismo e do consumo de sensações. Nesse contexto, os indivíduos tendem a sentir-se confusos diante da velocidade com que o seu mundo se modifica, tornando nebulosa sua própria inserção nesse mundo.

Bauman<sup>9</sup>, dentre várias definições para a época atual, utiliza o termo “modernidade líquida” para caracterizar a fluidez da

<sup>7</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2001.

<sup>8</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2001.

realidade em contraposição à solidez do período anterior. Esta fluidez não é apenas econômica (que transfere em questões de segundos grandes volumes de capital de um canto do mundo a outro, ou de uma empresa que se instala em um país e dele migra tão rápido quanto entrou), ou política (mudanças contínuas na legislação, leis de patentes, fim dos direitos adquiridos dos trabalhadores, crises dos partidos tradicionais de esquerda e de direita etc.), ela também se reproduz nas demais áreas da vida humana, como as relações pessoais (amor e amizade cada vez mais fluídos e passageiros, identidade pessoal fluída), o lazer (intensificação do turismo, das migrações), a arte e o conhecimento acadêmico, cada vez mais ávido por novidades, em especial nas áreas tecnológicas. Aliás, a revolução tecnológica é o grande sustentáculo do capitalismo atual, é ela que dinamiza a produção econômica e o acúmulo de capital. O pensador é bastante pessimista ao caracterizar a atual sociedade. Pois, se de um lado o fim das grandes utopias e das certezas poderia deixar os indivíduos mais livres e autônomos para decidirem seus destinos, do outro, a radicalização do individualismo tornou quase impossível a convivência coletiva. O que sobrou foi apenas o indivíduo, e ainda assim, enquanto consumidor.

A pós-modernidade é um período de transição indefinível, com mudanças de paradigmas e conceitos abstratos e subjetivos, que ninguém consegue ao certo conceituá-lo. Somente o futuro dará um

nome à confusão e à indefinição do momento em que vivemos. Nós que vivemos e participamos desta época não somos os melhores observadores do momento histórico, pois o envolvimento emocional do momento vem permeado de aspectos ideológicos indissociáveis de observador qualquer. Boaventura de Souza Santos<sup>10</sup>, em seu livro "A crítica da razão indolente", escreve:

há um desassossego no ar. Temos a sensação de estar na orla do tempo, entre um presente quase a terminar e um futuro que ainda não nasceu.

Fruto de uma vivência paradoxal entre os excessos de determinismos e de indeterminismos, a coexistência desses excessos confere ao nosso tempo um perfil especial, o tempo caótico no qual a ordem e a desordem se misturam em combinações turbulentas e os excessos se polarizam e se tocam, explica-nos o autor. No entanto, continua, não é o calendário que nos empurra na orla do tempo, e sim a desorientação dos mapas cognitivos, interacionais e sociais<sup>11</sup> em que até agora confiamos. Vivemos, segundo Boaventura<sup>12</sup>, numa sociedade intervalar, uma sociedade de transição paradigmática, entre o paradigma sociocultural da modernidade ocidental e o paradigma emergente, argumentando que todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum. Assim, o reconhecimento da falência de nossas certezas implica em tomar consciência da crise paradigmática que vivemos para nos libertar do jugo do eterno fracasso de nossas tentativas e erros repetidos, por

<sup>9</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2001.

<sup>10</sup> SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002, p. 49.

<sup>11</sup> O termo sociais é utilizado por Boaventura e deriva provavelmente do adjetivo francês sociétal, de formação recente, e tem o significado daquilo "que é relativo à sociedade humana". O radical da palavra é o mesmo de societal e vem da palavra latina societas, - atis ("sociedade"). Encontramos, ainda, a expressão "valores sociais" relacionados à democracia e direitos humanos.

<sup>12</sup> BITTAR, Eduardo C. B. **O direito na pós-modernidade**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

teimar em ajustar nossos saberes mofados à nossa vida teórico-prática. É preciso voltar a ser a criança dos porquês. Como diz Santos, em um discurso sobre as ciências, é preciso fazer as perguntas simples de Rousseau, embora nossas respostas já não sejam tão simples. Mas precisam ser outras.

No mesmo sentido, Eduardo C.B. Bittar<sup>13</sup> afirma que:

A discussão inaugurada por Jean-François Lyotard em torno do pós-moderno criou um verdadeiro caudal de reflexões posteriores, que ainda hoje se acirram por se afirmarem, cada qual de um modo diferenciado, no sentido de representar mais que uma mera nomenclatura para os tempos que correm sob nossos olhos e escorrem por entre nossos dedos, e sim a descrição sociológica e filosoficamente possível para, plausivelmente, colocar-se como versão autorizada da dimensão do que é (pós-modernidade) em face do que era (modernidade). Esta questão, que se tornou um dilema do pensamento contemporâneo, pois não cessa de não se resolver, caiu numa radical polemização que tem ocupado e desorientado os mais atentos olhos dedicados à compreensão da temática, tamanha a atualidade, sempre contingente, das concepções que se lançam na tentativa de esquadrihar o *modus vivendi* contemporâneo. Os diálogos são tão intensamente acalorados, e tão vivazmente enraizados na vida intelectual contemporânea, que se corre o risco, ao se tentar exaurir a descrição do panorama destas discussões, de esquecer de destacar este ou aquele pensador, esta ou aquela concepção, de modo que este quadro aparece em caráter efêmero e contingente, assumindo a fragilidade de se inserir num contexto no qual a questão não pode ser dada por fechada.

Assim, apesar de ainda nebulosos os rumos da humanidade, tem-se na pós-modernidade, com todas suas dúvidas e incertezas, a esperança de mudanças em todos os segmentos da vida em sociedade.

## 2 O CONSUMISMO

O consumismo, segundo Aurélio<sup>14</sup>, é o sistema que favorece o consumo exagerado.

É o ato de comprar produtos ou serviços sem a mínima necessidade e consciência, revelando-se em verdadeira obsessão à aquisição. Trata-se de gesto compulsivo e descontrolado, alimentado pelo marketing e publicidade levada a efeito pelas empresas que comercializam tais produtos e serviços. A sociedade moderna, devido ao desenfreado consumismo que a caracteriza, é rotulada como “a sociedade de consumo”, na qual as pessoas compram o que podem e até o que não podem, buscando suprir a indiferença social, a escassez financeira, a baixa auto-estima, suas frustrações e angústias, como ainda outros fatores de ordem emocional.

A vivência da perda associa-se à proliferação de apelos ao consumo e ao sucesso, fazendo com que as pessoas, mesmo angustiadas, perplexas e inseguras, estejam mais interessadas em escolher entre as diversas marcas de produtos e as mais infinitas ofertas, do que com sua condição de Ser e Estar no mundo. O mundo cheio de possibilidades, complementa Bauman, assemelha-se a uma mesa de bufê repleta de tantas delícias, que nem o mais delicado comensal poderia esperar experimentar todas. Os comensais são consumidores e a mais difícil e irritante das tarefas que se pode pôr diante de um consumidor é a de fazer escolhas, de dispensar algumas opções inexploradas e estabelecer prioridades. Por ironia, a infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de opções. Adquirem-se, compulsivamente, toda espécie de produtos supérfluos, comprados por impulso, a partir da influência da propaganda veiculada nos meios de comunicação, num incessante incentivo ao consu-

<sup>13</sup> BITTAR, Eduardo C. B. **O direito na pós-modernidade**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

<sup>14</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira,

mo. Consumir representa o elixir contra as incertezas agudas e o sentimento de incômoda insegurança. Propagou-se um comportamento geral de comprar, não apenas produtos e serviços, mas também as habilidades necessárias ao nosso sustento, o tipo de imagem que desejamos para nós, os métodos de convencimento de nossos possíveis empregadores etc.

A vida organizada em torno do consumo deve se bastar sem normas: ela é orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e quereres voláteis. Numa sociedade de consumo, compartilhar a dependência de consumidor – a dependência universal das compras – é a condição *sine qua non* de toda liberdade individual; acima de tudo da liberdade de ser diferente, de ter identidade.

Os shoppings são verdadeiros templos nesta era do consumismo, onde as pessoas estão juntas às outras, num lugar fechado e com máxima segurança, mas não convivem e nem compartilham as diferentes experiências. A liberdade, claramente ilusória, acaba reduzida entre um ou outro produto por parte do indivíduo.

Vê-se, também, que a modernidade restringiu cada vez mais nossas relações sociais. Não conhecemos sequer nossos vizinhos. Nossa vida ficou mais fácil, mas nos recolhemos em nosso mundinho. O mundo a cada dia que passa tem mais grades, cercas elétricas, muros (como o construído na fronteira do México com os Estados Unidos da América), condomínios fechados, evitando-se de sobremaneira e, cada dia mais, o contato físico com outras pessoas. Cada indivíduo vive em seu mundo e com os seus iguais, sem nenhum interesse acerca do que se passa

do outro lado.

Assim, o discurso que se ouve, em defesa das diferenças e da pluralidade, tem por fundamento a homogeneidade (modelo de democracia ocidental, capitalista e do homem branco), que mascara as injustiças, as desigualdades sociais e o racismo. É a sociedade do espetáculo, da superficialidade, em que prevalecem o individualismo e grupos restritos.

Além das péssimas consequências individuais ao oneômano (aquele que possui distúrbio caracterizado pela compulsão de gastar dinheiro), também o meio ambiente sofre com este “mal do século”, pois o aumento desenfreado do consumo incentiva o supérfluo, o desperdício e, com isso, uma grande quantidade de lixo.

Muitas pessoas consomem certos produtos, certas roupas, para se fazerem aceitas em determinado grupo, seja ele de ideologias diversas ou de pura futilidade modista, demonstrando que o produto consumido vale mais do que aquilo que se pensa. Nesse raciocínio, perde-se a identidade individual, para viver uma identidade plural e coletiva, na qual o indivíduo passa a representar e se confundir com aquele produto que consome. Shoppings, lojas de departamentos, brechós, lojas de eletrodomésticos, de brinquedos, roupas, carros e grandes construtoras, são os oásis do consumismo exacerbado, como disse Rodrigo Barradas<sup>15</sup>, pois, os grandes shoppings, essas obras faraônicas dos tempos modernos e seus arquétipos consumistas e lucrativos, acabam por persuadir o cidadão a consumir, a ser, ter, viver, ser aceito, estar, sem morrer, a imortalidade dos faraós Egípcios que só

<sup>15</sup> <http://coletivoemchamas.blogspot.com/2007/04/do-consumismo-liberdade-almejada.html>. Acessado em 28 de novembro de 2008.

o dinheiro e o *status quo* podem comprar. Criam-se então novos monstros, múmias contemporâneas – socialites com rostos plastificados por dentro e por fora em sua maior parte. Consumamos de tudo, pois. Afinal, como bem resume Zygmunt Bauman<sup>16</sup>: “A única coisa que não figura em nossa lista de compras é a opção de não comprar”. O consumismo contemporâneo não se vincula a nenhuma necessidade, mas ao desejo, ao querer por querer, insaciavelmente doentio.

Marcelo Masagão<sup>17</sup>, em seu filme “1,99”, faz uma forte crítica à alienação produzida pelo consumismo. Mostra que a vida dominada pela mercadoria pode ser levada à destruição. A ironia é que foi aceito no mundo das mercadorias sem maiores preconceitos. O filme retrata um grande supermercado que exhibe todas as suas mercadorias em embalagens brancas, contendo frases publicitárias, do tipo “é o que você precisa”, “abuse e use” etc., onde pessoas também com vestes brancas, circulam de um lado para o outro, escolhendo aqueles produtos com seus carrinhos de compras. Nota-se pelo filme que as mercadorias são adquiridas sem nenhum esforço. Compra-se por comprar. Aliás, elas próprias se vendem. São *res sacra* do mundo capitalista, que suprem a solidão, o desamor ou qualquer outra frustração do ser humano. O filme também apresenta algumas pessoas que permanecem do lado de fora do supermercado, representando aquelas pessoas que estão excluídas do consumo. Aliás, esta situação retrata o grande problema do capitalismo, no qual a grande maioria das pessoas que precisa fazer uso de necessidades básicas, como alimentos, vestuário e moradia,

quando o faz, é de forma precária porque não dispõe de dinheiro, que é o meio de troca neste regime. Quem não dispõe de dinheiro, mal consegue sobreviver. Em contrapartida, os poucos que o detêm, podem até deixar de comer para manter a forma, enquanto os demais, os excluídos, não dispõem de forma para comer.

Trata-se de um fiel retrato da sociedade de consumo, que, ao não abrigar igualmente a todos, costuma gerar frustrações por desejos não atendidos, provocando, em algumas pessoas, apatia e conformismo, mas, em outras, o desalento condutor às drogas e à violência, pois se não podem pertencer à sociedade, muitos excluídos também não se sentem obrigados a seguir suas regras. Em outra cena do filme, destaca-se a fisionomia angustiada de um consumidor frente a uma parede repleta de produtos com dizeres apelativos. Por fim, ele decide levar um pacote estampado com a palavra “único” e sai de foco, feliz pela escolha. Imediatamente, um funcionário aparece com outro pacote “único” para substituir o que foi retirado.

A felicidade do consumidor retratado por Masagão demonstra, a exemplo do afirmado por Bauman, que, na modernidade líquida, esse sentimento se resume ao prazer imediato, ao entretenimento, à diversão e ao consumo, conjunto esse definidor do sucesso. O ter é o que importa e sufoca o ser.

A sociedade da modernidade líquida, diferentemente da que a precedeu, não se comporta como produtora, em que os indivíduos tendem a consumir apenas o imprescindível para atender às suas necessidades básicas. Não, na vida organizada

<sup>16</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2001

<sup>17</sup> MASAGÃO, Marcelo Sá Moreira. Diretor do filme **1,99**, produzido no ano de 2003. Brasil.



em torno do consumo, a pessoa orienta-se por desejos e querer ilimitados. Se na sociedade produtora a sensação de desejar o luxo constituía um pecado, na sociedade consumidora o luxo não faz sentido, pois a ideia é tornar os luxos de hoje nas necessidades de amanhã.

A forma de conceituar a saúde também distancia a sociedade produtora e a sociedade de consumo; se naquela a saúde consistia num estado próprio e desejável do corpo e do espírito humanos, nesta, ela é um padrão a ser atingido, um ideal de aptidão, o que significa ter um corpo flexível e ajustável, pronto para viver o extraordinário e o inesperado. O culto ao corpo não provoca atitudes de moderação e austeridade, não perfiladas com a lógica da sociedade de consumo. Ao contrário, acarreta mais consumo, traduzido na procura de vitaminas e de alimentos especiais, considerados saudáveis.

Na economia consumista, como bem retratado por Bauman<sup>18</sup> no livro "Vida para o Consumo", a regra é que primeiro os produtos apareçam para só depois encontrar suas aplicações. Assim, surgem todas as espécies de produtos, desde aqueles que prometem fazer tudo o que seus similares fazem, mas, de maneira mais rápida e melhor, até a aparição de outras novidades que prometem coisas que nenhum consumidor havia até então imaginado necessitar ou adquirir.

## CONCLUSÃO

A sociedade de nossa época é marcada pelo individualismo e pela indiferença; nela não há o mínimo interesse nos pro-

blemas e nem na experiência do próximo. Cada um tem sua vida, participa de seu grupo e, cada vez mais, se fecha em seu mundo, dificultando as possibilidades de novos relacionamentos. O que verdadeiramente interessa é o grupo dos iguais, vez que a diferença é motivo de indiferença.

Os centros comerciais são repletos de pessoas que sequer conseguem enxergar outro ser humano no mesmo ambiente em que se encontram. As pessoas estão cegas pelo isolamento. Nos shoppings encontramos dezenas de pessoas que circulam por um mesmo lugar, com os mesmos ideais e sem ao menos trocarem uma única palavra, é como se cada um fosse uma ilha, sem nenhuma tendência ao arquipélago. As pessoas se veem e não se enxergam.

As pessoas estão vazias e sem interesse em se relacionarem fora de seu grupo.

Os consumidores podem estar buscando sensações de todo o tipo, mas também tentando fugir da insegurança causada pelo medo da própria incompetência ou negligência que lhe atribui uma sociedade individualizada.

As frustrações, inseguranças e incertezas da época atual são supridas pela corrida desenfreada ao consumo. As pessoas trocam suas decepções por uma sacola cheia de compras, ainda que de produtos supérfluos ou sem necessidades de aquisição. Valoriza-se o ter em detrimento do ser. A pessoa é classificada e aceita pela marca de roupa que veste, pelo cargo que ocupa, pela posição que ocupa junto ao grupo, sem nenhuma importância para do que realmente é.

<sup>18</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o Consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 208. p. 53/54

O consumismo atual independe até mesmo das possibilidades econômicas da pessoa, que hipnotizada pelas belas vitrines comerciais, aliadas às massivas campanhas publicitárias, entrega-se compulsivamente às compras, ainda que com o comprometimento de seu orçamento ou que tal ato importe em desnecessário endividamento.

Os eletrotécnicos que outrora eram contratados para reparar defeitos existentes em eletrodomésticos e eletrônicos, e se utilizavam de um multímetro<sup>19</sup> para realizar a análise do sistema, verificando cada circuito e seus componentes até que se encontrasse a peça com defeito para ser

substituída, hoje são preparados para retirar e jogar fora placas inteiras, formadas por diversos componentes, que se dizem defeituosas, substituindo-as por outras novas, em constante automatismo.

E é exatamente o que se repete na vida social: cada peça é substituível.

Além disso, nossa sociedade atual ainda é marcada pelo imediatismo e pela efemeridade das coisas. Tudo que não proporcione mais prazer é descartado, tornando a durabilidade precária, gerando mais consumismo, num círculo vicioso.

Essa é a sociedade em que vivemos!

### Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BITTAR, Eduardo C. B. **O direito na pós-modernidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 49

Site: <http://www.coletivoemchamas.blogspot.com/2007/04/do-consumismo-liberdade-almejada.html>

Site: [HTTP://www.eternoretorno.com.br](http://www.eternoretorno.com.br).

Site: <http://www.piratininga.org.br/artigos/2004/07/sergio-199.html>

<sup>19</sup> Eletrônica: Instrumento medidor de corrente, tensão e resistências elétricas.